

Antropologia é vida

Simone Simões Ferreira Soares nasceu em Fortaleza, aos 21 de maio de 1944, filha de Fernando Ferreira e Fernanda Caracas. Foi casada com Francisco Alberto Soares, com quem teve dois filhos, Draulio e Daniel Soares, que lhes deram, respectivamente, os netos Caíque e Lilian. Teve outros amores, intensos como ela, mas ninguém na vida importava tanto como seus filhos.

“Antropologia é vida!”. Assim ela definia um dos seus bens de maior estima. E lançou-se na vida profissional tão jovem, nos passos iniciais de uma carreira por ela procurada como escolha, não como destino. Tinha entre 16 e 17 anos quando leu, recebido de presente do pai, *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin. A leitura foi o suficiente para apaixonar-se por antropologia e decidiu, então, que outra coisa não seria na vida, se não antropóloga.

O Ceará avançava em seu desenvolvimento com a Universidade Federal, onde já havia o Instituto de Antropologia, mas ainda sem um curso de graduação em Ciências Sociais. Sendo assim, poderia ter investido em qualquer outra carreira acadêmica, mas, resoluta, aguardou a abertura do curso de Ciências Sociais em 1968 e integrou a primeira turma.

Estudar em plena vigência da ditadura civil-militar no Brasil não foi fácil. Simone, filha de um líder do Partido Comunista Brasileiro, não escapou de ser presa e psicologicamente torturada. Queriam forçá-la a assumir a autoria intelectual de um sequestro de avião. Com coragem e firmeza, características que lhe foram próprias, retrucava: “adoraria ter feito, mas não fiz”. Os agentes da tortura concluíram: “dura assim, só pode ter sido doutrinada em Moscou”.

À parte os cruéis delírios dos ditadores, sabemos que sem maiores explicações Simone voltou à liberdade, ao convívio com a família e amigos; concluiu o curso de Ciências Sociais e voltou a ensinar.

Seu rito de passagem na docência ocorre em 1971, no Centro de Preparação Universitária (CPUNI), onde ministrou aulas de história geral e do Brasil para estudantes do então Segundo Grau. Lecionou também na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) nos anos 1970; na Universidade Regional do Cariri (URCA), em 2000, como professora convidada da pós-graduação; e na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral, ano 2002.

Ingressou como professora no Departamento de Ciências Sociais da UFC em 1975, aposentando-se nessa instituição em 2010. Consolidou o sonhado título de antropóloga cursando mestrado na Universidade de Brasília, orientada por Roberto Cardoso de Oliveira. Desde então passaria a enfrentar o trato com temas inusitados, dessa feita produzindo, em 1980, a dissertação *Enlouquecer para sobreviver: a manipulação de uma identidade estigmatizada como estratégia de sobrevivência*.

A sagacidade e astúcia da antropóloga levaram-na ao doutorado em antropologia na Universidade de Brasília, orientada por José Jorge de Carvalho, com o propósito de estudar um tema até então inexplorado na pesquisa social. Simone com coragem enfrentou uma desconfiança: se pesquisadores cariocas ainda não haviam conseguido etnografar o jogo do bicho, como uma pesquisadora do Ceará ousava tentar? Resultado, Simone conseguiu fazer trabalho de campo com observação participante no Rio de Janeiro, Brasília e Fortaleza. Ano passado completaram-se 30 anos da publicação de *O Jogo do Bicho: a saga de um fato social brasileiro*, pela Editora Bertrand Brasil.

O gosto pela sala de aula habitou o espírito de Simone incansavelmente. Se para alguns a carreira acadêmica só se efetiva por meio da pesquisa e publicação de artigos, para ela a realização e o reconhecimento advieram das suas aulas magistrais. Sendo assim, do alto dos seus saltos dez e por meio de uma voz grave e cheia de entonações, fez da navegação pela teoria antropológica uma forma de sentir-se muito à vontade com sua sabedoria e profundidade de conhecimento. Advogou argutamente pela etnografia e, sobretudo, pela observação participante como o método por excelência da antropologia. Com isso, transformou uma legião de alunos em grandes admiradores e amigos, mas não só isso. Simone acendeu nos seus alunos a centelha da antropologia e suscitou, assim, o desejo em muitos deles para seguirem a carreira de antropólogos e antropólogas. Formou várias gerações de cientistas sociais que, com sua inspiração, contribuíram para interiorizar a antropologia no Ceará.

Aposentada, seguiu até 2022.1 ofertando disciplina como professora colaboradora, no formato de Diálogos Etnográficos, sendo fonte de apoio para estudantes buscarem seleções de mestrado em diversos centros antropológicos do país. Não é exagero dizermos que, por algumas vezes, ela contribuiu financeiramente com a ida de alunos ao mestrado ou doutorado fora do Ceará, especialmente quando por aqui ainda não tínhamos um programa específico de antropologia.

São centenas de alunas e alunos formados por essa professora cuja trajetória é, em si, um legado histórico e antropológico inestimável, com mais de 50 anos de docência.

A antropologia no Brasil sente a partida de uma grande referência. E nós que aqui ficamos, pedimos ao tempo que suavize a saudade e ilumine as incontáveis boas lembranças.

Fortaleza, 28 de abril de 2023

George Paulino

Professor Permanente do PPGA UFC-UNILAB

Coordenador do Laboratório de Antropologia e Imagem – LAI/UFC

Gleudson Vieira

Doutor em Antropologia pela UFPE

Pesquisador DCR CNPq/FUNCAP

Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME/UVA